

**DA IRLANDA PARA O IRLANDÊS: UM PERCURSO (DES)ESTRUTURADOR
DA IDENTIDADE NACIONAL EM *THE PLOUGH AND THE STARS* (1926)****FROM IRELAND TO THE IRISH: (DE)CONSTRUCTING A TRAJECTORY
OF THE NATIONAL IDENTITY IN *THE PLOUGH AND THE STARS* (1926)**Cláudia PARRA¹

RESUMO: O teatro, uma das principais manifestações literárias e artísticas da Irlanda, teve um papel importante na relação entre literatura e identidade nacional. Sean O'Casey, dramaturgo irlandês, pode, em uma de suas performances apresentadas no *Abbey Theatre*, ilustrar como uma produção artística exerce impacto na representação de nacionalidade para uma sociedade. Em *The Plough and the Stars* (1926), O'Casey retratou pessoas comuns que tiveram suas vidas, bem como suas identidades, afligidas por ideais nacionalistas. Partindo do pressuposto de que a identidade de um sujeito é produzida com base em elementos culturais, nosso objetivo é constatar de que maneira o sujeito irlandês, durante a Easter Rising (Revolta da Páscoa) em 1916, foi retratado na peça em termos de suas identidades culturais, mais especificamente a identidade nacional. Buscamos comprovar processos de construção e/ou desconstrução do estereótipo promovido por meio do discurso nacionalista irlandês. Para fins de análise, consideramos duas personagens centrais diante de um sistema de representação cultural originadora de sentidos que influenciam ações e a concepção de existência do indivíduo e identificamos como O'Casey, ao reviver no teatro uma das mais marcantes revoltas irlandesas, abordou a cultura nacional na representação das personagens.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade nacional; Irlanda; Teatro; Sean O'Casey.

ABSTRACT: Drama, one of the foremost literary and artistic events in Ireland, played an important role in the relationship between literature and national identity. In one of his performances at the Abbey Theatre, Sean O'Casey, Irish playwright, could illustrate how an artistic production impacts on the representation of nationality for a society. In *The Plough and the Stars* (1926), O'Casey portrayed ordinary people who had their lives, as well as their identities, affected by nationalistic ideals. Assuming that the identity of a subject is produced on the basis of cultural elements, our aim is to investigate how the Irish subjects during the Easter Rising in 1916 were portrayed in the play in terms of their cultural identities, more specifically the national identity. We seek to demonstrate processes of construction and/or deconstruction of the stereotype promoted through the Irish nationalist discourse. For purposes of analysis, we consider two central characters before a system of cultural representation as source of senses that influence actions and conception of the individual's existence and identify how O'Casey, by reviving in drama one of the most striking Irish revolts, approached the national culture in the representation of the characters.

KEYWORDS: National identity; Ireland; Theatre; Sean O'Casey.

Introdução

¹ Doutoranda em Estudos Literários do programa de pós-graduação em Letras do Instituto de Biologia, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp/Ibilce), em São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil. Bolsista Cnpq. E-mail: cla_parra@hotmail.com.

Uma das relações mais constantes e conflituosas na história da humanidade é a relação colonizador-colonizado. Sempre associada a revoluções e revoltas é, portanto, um fator gerador de mudanças, opondo-se à ideia de fixação e estabilidade. Essa característica da colonização e/ou exploração nos permite associá-la e investigá-la segundo os Estudos Culturais, visto que os efeitos provocados pelo ato de colonizar e explorar foram fatores que contribuíram para a criação de identidades culturais. As raízes culturais de cada nação, de uma forma ou de outra, partem da existência do processo de colonização e, também, do processo de ruptura dos laços com a colônia. Movimentos, revoluções e batalhas ocorreram, dentre outras razões, por conta do descontentamento em ser *dominado* pelo explorador. Primeiramente dependente e colonizada, a nova “nação será construída em ligação e oposição a um inimigo constituído como ‘natural’” (CASANOVA, 2002, p. 56). A formação de uma nação vítima de colonização, bem como o desenvolvimento de suas convicções nacionalistas, acontece a partir do momento em que essa não aceita mais a imposição da nação colonizadora. Ainda sobre a construção do nacional, Casanova diz

De fato, nenhuma entidade “nacional” existe por si mesma e nela mesma. Nada é mais internacional, de certa forma, que o Estado Nacional: ele só se constrói em relação a outros Estados e muitas vezes contra eles. Em outras palavras, não é possível descrever qualquer estado [...] como entidade autônoma, separada que encontra em si mesma o princípio de sua existência e de sua coerência. Cada Estado constitui-se, ao contrário, por suas relações, isto é, em sua rivalidade, em sua concorrência constitutiva com outros Estados. (2002, p. 56).

Visto que o surgimento da entidade nacional depende da existência de outra nação, conseguimos relacioná-la a questões acerca da produção social no contexto da identidade nacional. Todo esse percurso da criação de *nacionalidade*, envolvendo a relação colonizador-colonizado (desligamento com a colônia e o surgimento de uma nação e seus ideais nacionais), nos traz por fim o sujeito pertencente a uma cultura nacional. Benedict Anderson (1983) relaciona identidade nacional à uma concepção de *comunidade imaginada* que cria padrões de comportamento para o indivíduo. A identidade nacional estabelece o posicionamento do sujeito na sociedade por meio da criação de um sentimento de identificação e lealdade proveniente de um conjunto de fatores culturais: ideologias, sentidos, símbolos e valores.

A Irlanda, país que sofreu um dos mais severos processos de colonização na história da Europa, nos serve como exemplo para a análise da repercussão nacionalista sobre a identidade do indivíduo. Para entender um pouco mais sobre a criação da nação irlandesa, faremos um breve panorama sobre a história da Irlanda antes e após a Easter Rising de 1916, época muito significativa para a elaboração dos ideais nacionais irlandeses. Durante esse período houve constantemente a presença de um discurso nacionalista proveniente do descontentamento em ser colônia. Dado que esse descontentamento é um elemento essencial para o surgimento de nação e de nacionalidade, analisaremos como a busca pela autenticidade nacional impôs moldes sobre o indivíduo irlandês.

Após esse breve histórico, partindo para o âmbito literário, nosso objeto de análise será a peça escrita por Sean O'Casey, *The Plough and the Stars* (1926), que relembra os eventos ocorridos em Dublin em 1916. Enquanto a maioria dos escritores, em suas releituras sobre a Easter Rising de 1916, silenciaram essa opressão nacionalista sobre o comportamento do sujeito irlandês, O'Casey inseriu em sua obra, representações femininas que resistiram a essa fixação da identidade nacional, apresentando contrariamente, personagens que incorporam a noção de sujeito sociológico portador de uma essência interior que é o “eu real”, que se forma e se modifica num diálogo contínuo, não apenas com uma identidade fixa, mas com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem. (HALL, 1999, p. 11). Essas personagens, por não se enquadrarem no comportamento típico nacionalista, parecem agir como agentes instigadores para expor à sociedade irlandesa da época os perigos e as ambiguidades do nacionalismo.

1. Nação e identidade nacional

A fim de refletirmos sobre as identidades culturais, em particular a identidade nacional e sua ação sobre o indivíduo em uma determinada sociedade, há a necessidade de estabelecermos, antes de tudo, algumas concepções sobre *nação* e *nacionalismo*. Os termos derivados de nação (nacionalidade, nacionalismo, nacionalista) dispõem de múltiplos significados. Como não há uma definição científica para nação, sua origem poderia estar conectada a aspectos culturais e políticos sempre presentes na história. Há uma narrativa nacional inscrita na história e na literatura que produz narrativas, imagens, cenários, símbolos e rituais que dão vida e significação à nação. De acordo com Anderson

(1983), a concepção de nação origina-se nesses fatores culturais e, portanto, essas comunidades seriam *imaginadas*. Como afirma Powell (1969, p. 245), “A vida das nações, da mesma forma que a dos homens, é vivida, em grande parte, na imaginação”. Embora os elementos culturais não representem sentido suficiente para uma elucidação absoluta, eles se harmonizam com o que o nacionalismo tem representado para a humanidade. O nacionalismo possui características muito parecidas com a religiosidade, o que nos leva a associá-lo a questões do existencialismo humano, como lealdade e sacralização.

Stuart Hall argumenta que as nações também podem ser usadas “como uma forma através da qual possam competir com outras nações étnicas e poder” (1999, p. 57). O desprendimento dos laços com o colonizador é seguido por uma busca pela afirmação identitária da ex-colônia como nação independente e pertencente a uma realidade diferente do colonizador.

Uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos. As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre a “nação”, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas. (HALL, 1999, p. 50-51).

No caso da Irlanda esse percurso que leva ao surgimento da nação pode ser visto de forma nítida. Outrossim, percebe-se uma busca pela afirmação identitária no caso irlandês já antes da tão sonhada independência em 1922. Conforme será analisado mais adiante, nota-se uma tonificação nacionalista especialmente a partir do fim do século XIX, que pode ter sido estimulada pelas conquistas da “Era Parnell” e, em seguida, pelo surgimento da Liga Gaélica. Tal foi a força das ideias nacionalistas dessa época que em 1916 ocorre a Easter Rising: uma rebelião pela tentativa de estabelecer um governo provisório totalmente independente dos ingleses. Assim, é possível inferir que a força irlandesa se intensifica a partir da existência do domínio e autoritarismo inglês. Descontentes com a dominação inglesa, os irlandeses reforçaram suas convicções nacionalistas por meio de diversos produtos culturais, como por exemplo, um categórico discurso nacionalista que lhes conferiu um sentimento de identificação e lealdade.

Embora essa concepção nacionalista precursora de uma identidade original também se relacione a interesses políticos e econômicos, funcionando, inclusive, como um artefato para a imposição e aprovação de um novo estado político, ela vai além, por

influenciar comportamentos e ditar o posicionamento de cada sujeito na sociedade. A experiência de cada indivíduo pode ser afetada e manipulada por esses sentidos nacionais capazes de organizar ações e concepções. O viés aqui proposto é exatamente o impacto dos efeitos advindos do processo de descolonização e da produção dos sentidos de nação na formação da identidade do indivíduo ex-colonizado, ou seja, como essa nação criada, acompanhada de um discurso nacionalista, altera a atuação do indivíduo e constrói identidades. “Ela dá significado e importância à nossa monótona existência, conectando nossas vidas cotidianas com um destino nacional que preexiste a nós e continua existindo após nossa morte” (HALL, 1999, p. 52).

Se a ideia de nação, bem como sua origem, se fundamenta, em parte, em aspectos culturais, a identidade nacional também se molda a partir de elementos culturais. Como dissemos acima, Anderson (1983) alega que a identidade nacional se dá por meio de artefatos culturais. Ainda que haja um conceito frequente de que a identidade advinda dos ideais nacionais seja parte de uma natureza essencial de cada indivíduo, as evidências de produção de um sentimento nacionalista se explicam muito bem em fontes culturais.

A identidade nacional é promovida por uma série de elementos que, apropriados pela conotação nacionalista, se transformam em verdadeiros produtos culturais. Repetidos constantemente no contexto social do sujeito, esses produtos influenciam o cotidiano, os sentimentos, os anseios e as decisões. Quando o indivíduo se expõe a tais elementos, presentes também nas artes, ele forma uma identidade nacional que, embora não seja gravada em seus genes, o define como se fosse parte de sua natureza. A sociedade irlandesa se identificou de tal forma com sua cultura nacional que, por um certo período, foram poucos os registros de insatisfação com os efeitos desfavoráveis do nacionalismo na literatura. Os indivíduos que não adotaram esse estereótipo concebido pela maioria tiveram suas vozes silenciadas e foram quase inteiramente omitidos dos registros históricos. Embora silenciados, a existência de sujeitos não adequados ao estereótipo nacionalista acaba por colocar em suspeita o cunho unificador das identidades nacionais. Isto posto, pode ser observado que

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isto é fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um

“sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo. (HALL, 1999, p. 9).

A partir dessa afirmação de Hall e no argumento de que as identidades nacionais não são, de fato, unificadas, passamos a constatar a possibilidade de desconstrução da identidade nacional. Levando em conta esse parecer sobre nacionalismo, identidade nacional e a existência de um discurso nacionalista que não só imagina uma comunidade originalmente irlandesa, mas que também afeta e modifica a identidade de cada indivíduo, buscamos identificar, assim como ocorreu no contexto histórico abordado, os processos de construção e desconstrução da identidade nacional nas personagens da peça escrita por Sean O’Casey.

2. Nacionalismo irlandês

A Irlanda foi um país colonizado e explorado pelos ingleses durante muitos séculos e conquistou a independência somente na primeira metade do século XX, porém um breve panorama sobre sua história nos revela uma nação obstinada em preservar a nacionalidade original mesmo quando colônia. Desde a invasão inglesa, a história do país está marcada por relatos de batalhas, fome, extrema pobreza, exclusão e exploração. Durante muito tempo, os irlandeses foram renegados de todas as formas, inclusive cultural e historicamente, pelos ingleses, que esgotavam os recursos da ilha, não sobrando para o povo nem ao menos condições básicas de sobrevivência.

Após séculos de guerras e muitas disputas entre ingleses e irlandeses, precisamente após a Guerra de Independência da Irlanda (1919 - 1921), na qual o Exército Republicano Irlandês lutou contra o governo britânico, a república irlandesa foi proclamada país independente. Esse acontecimento uniu duas variantes importantes para a nação o ideal de preservação de uma cultura própria, gaélica, e o revigoramento de um nacionalismo impetuoso.

Atualmente a República da Irlanda é um país independente, fundamentalmente católico, governado pelo Estado Irlandês, entidade que surgiu em 1922 e que administra três quartos da ilha. A parte restante, a Irlanda do Norte, é uma parte da ilha predominantemente protestante e ainda pertencente ao Reino Unido. Após esse

rompimento com a colônia, a Irlanda passou por várias transformações, alcançando, inclusive, uma posição de maior reconhecimento político e econômico na Europa.

No entanto, nosso olhar sobre a história irlandesa examinará um período de aproximadamente cinquenta anos anterior ao processo de libertação. Parte da segunda metade do século XIX causou grande trauma para os irlandeses. A Grande Fome (“The Great Famine”), por exemplo, entre 1845 e 1849 causou morte em grande escala e foi um dos fatores que contribuiu para a Diáspora Irlandesa, momento em que muitos irlandeses deixaram o país rumo a diferentes partes do mundo. Embora existissem vários outros motivos por trás desse movimento, geralmente associados à atuação inglesa no país, a fome foi o principal fator que fez os irlandeses migrarem para outros países, especialmente para os Estados Unidos. É a partir desse período que se verifica um revigoramento nacional.

2.1. Era Parnell e o ressurgimento do sentimento nacional

Charles Stewart Parnell (1846 – 1891) foi um grande nome da política irlandesa na segunda metade do século XIX. Reconhecido como grande líder nacionalista, alguns historiadores até mesmo usam a expressão “Era Parnell” para se referir ao período em que ele esteve vinculado a política. Sua reputação de nacionalista engajado durante suas atividades como líder dos representantes irlandeses no Parlamento, que na época tinha em sua maioria representantes ingleses e, portanto, fraca representação irlandesa, contribuiu para o despertar dos ideais nacionalistas. Embora Parnell tenha falhado na implementação de um governo autônomo, fica evidente que nesse momento da história, no auge de sua carreira em 1880, o líder conseguiu reunir um sentimento nacional entre os cidadãos irlandeses. Ainda que indiretamente, tal situação motivou um novo momento literário que promoveu uma produção literária com características próprias da época para um público com ideias renovadas e com mais interesse em assuntos políticos e sociais.

Em 1890 ocorre uma desestruturação do partido irlandês no parlamento devido a um escândalo envolvendo Parnell, porém uma década mais tarde o grupo estava novamente reunido sob o comando de John Redmond. Junto à representação irlandesa no parlamento com o novo líder político havia também, no início dos anos 1890, o movimento conhecido como *Fenian*, que estava passando por um processo de rejuvenescimento e lutava por uma Irlanda sem intervenção da política inglesa.

2.2. Era Pós-Parnell

Ainda que evidente o fracasso da “Era Parnell” no estabelecimento de autonomia política e a situação complicada do partido irlandês no Parlamento, era aparente de muitas formas um forte sentimento nacionalista e uma aspiração em busca da identidade irlandesa, principalmente no sul. Agricultura mais organizada, ampliação do setor bancário e desenvolvimento das ferrovias eram fatores otimistas que sinalizavam uma transformação social. Grande parte da população acreditava agora que a Irlanda podia e devia ser um país independente. A conservação do espírito nacionalista, mesmo após a morte de Parnell em outubro de 1891, pode ser compreendida por meio de uma análise detalhada da interação de vários elementos nacionalistas.

É importante salientar que, embora a Irlanda estivesse passando por um momento de mudança em busca de autonomia e liberdade, havia ainda extrema pobreza e miséria em muitas partes do país. A maior parte da população vivia em pequenos aglomerados de quartos, quando não em favelas, em situação quase de pura sobrevivência. A taxa de mortalidade infantil era alta, e as crianças que sobreviviam aos primeiros anos de vida logo estavam nas ruas, com fome e sujas, vivendo muitas vezes por conta própria, como é muito bem ilustrado no romance do autor e *best-seller* irlandês, Roddy Doyle, chamado *A star called Henry*.

2.3. *Irish Revival*

Uma vez que o momento era de transformação, surge, nessa etapa, um renascimento declarado da cultura nacional no país. O período entre 1880 e 1920 teve importância fundamental para intensificação do nacionalismo irlandês, marcado por intensa produção literária e transformação política. Grande parte das produções literárias dessa época, poesia e teatro principalmente, revelavam uma conotação nacionalista inspirando a nação a buscar sua verdadeira identidade, ao mesmo tempo que essas obras adquiriam marcas do momento histórico vivido pelo país. O aumento de produções literárias dessa época se deu por conta do momento histórico vivido pelos irlandeses que ficou conhecido como Renascimento Irlandês (*Irish Revival; Gaelic Revival*), tal reavivamento cultural e literário preconizou os ideais revolucionários nacionalistas da época, que foram colocados em prática anos mais tarde.

A formação de duas instituições, especificamente, evidenciou o início do *Irish Revival*. Em 1982 Douglas Hyde se torna o presidente da primeira delas, a *National Literary Society* [Sociedade Literária Nacional] e no ano seguinte funda, com Eoin MacNeill, a *Gaelic League* [Liga Gaélica]. A Liga tinha o objetivo de promover e preservar o idioma nativo, o que se refletiu diretamente na situação da literatura irlandesa. Em parceria com a GAA, *The Gaelic Athletic Association* [Associação Atlética Gaélica], a Liga Gaélica também promoveu a ideia de que a Irlanda era um país diferente, com uma cultura diferente, e não apenas uma colônia ou província inglesa.

Evidenciando o duplo caráter do movimento (político e literário), nota-se a grande interação de poetas, escritores e dramaturgos com o meio político. Citando isso como algo negativo, John Eglinton (1935), anos após o *Irish Revival*, se referiu a Irlanda como um país “cujos poetas cometeram o erro de se envolverem com a política”². Thomas MacDonagh, bem como outros que mais tarde participariam diretamente na Easter Rising de 1916, era poeta e havia sido professor antes de se tornar diretor de treinamento dos *Irish Volunteers* [Irlandeses Voluntários] em 1913.

2.4. 1916: *Easter Rising*

A partir de 1913, o que se entendia por “nacionalismo cultural” passa a assumir contornos de um “nacionalismo político”, com a atuação expressiva de Patrick Pearse, que três anos mais tarde, se tornaria uma das figuras centrais no comando da Easter Rising. A insurreição foi o clímax desse período de intenso patriotismo e, segundo a concepção sobre nacionalismo de Anderson (1983), ela pode ser entendida como consequência dos valores nacionais propagados nos anos anteriores. Os irlandeses estavam realmente decididos a realizar o sonho de nação independente, mesmo que, na prática, isso acabasse por significar atender interesses de alguns e em perdas para muitos.

Embora sem sucesso, devido à rápida resposta por parte dos ingleses, a insurreição foi peça fundamental que fomentou e deu forças ao processo de independência. O interessante a ser considerado sobre a revolta é exatamente seu caráter desesperador e irrefletido provindo da cultura nacional que aflorava no país. As empreitadas nacionalistas estavam por toda parte na Irlanda, cartazes convidando a população a se juntar na luta pela independência, discursos carregados com tons nacionalistas, e as artes

² [...] whose poets all made the mistake of going into politics.

em geral estavam, também, vinculadas nessa propagação de uma cultura originalmente irlandesa que conferia aos irlandeses um sentimento de lealdade à nação.

Os frutos culturais do nacionalismo, poesia, narrativa, ficção, música e artes plásticas, mostram esse tipo de amor claramente por meio de centenas de formas e estilos. Por outro lado, é muito difícil encontrar esses mesmos produtos nacionalistas expressando ódio e desprezo. Mesmo no caso de povos colonizados que teriam motivo real para odiar as regras imperialistas, é surpreendente como o ódio é insignificante nessas demonstrações de sentimento nacional.³ (ANDERSON, 1983, p. 141, 142).

A sociedade irlandesa experimentou intensamente todos esses *frutos* culturais durante um período que pode ser considerado como um dos mais marcantes para a consolidação do sentimento nacional. Engajados nacionalmente, os irlandeses tiveram, nesse momento, forças para, de fato iniciarem um processo significativo para a independência que ocorreria anos mais tarde. Se por um lado o estabelecimento das forças nacionais culminou positivamente na conquista da Irlanda como nação independente, o que dizer das pessoas envolvidas nesses eventos? Uma vez que o espírito nacionalista guiou os irlandeses como nação, de que forma o nacionalismo alterou o dia a dia dos indivíduos? Embora a ideia de independência se associe à ideia de livramento, sabe-se que há, em toda revolução, perdas, e esse demonstra ser o lado negativo do processo. Na luta pela liberdade, a Irlanda colocou em risco a vida de milhares de pessoas. Homens e mulheres se sacrificaram em troca do estabelecimento da nação. Nesse sentido, Anderson (1983, p. 34) questiona e argumenta sobre a origem dos ideais nacionais, dizendo que

Essas mortes nos colocam bruscamente diante do problema central posto pelo nacionalismo: o que faz com que as parcas criações imaginativas da história recente (pouco mais de dois séculos) gerem sacrifícios tão descomunais? Creio que encontremos os primeiros contornos de uma resposta nas raízes culturais do nacionalismo.⁴

³ The cultural products of nationalism poetry, prose fiction, music, plastic arts - show this love very clearly in thousands of different forms and styles. On the other hand, how truly rare it is to find analogous nationalist products expressing fear and loathing. Even in the case of colonized peoples, who have every reason to feel hatred for their imperialist rulers, it is astonishing how insignificant the element of hatred is in these expressions of national feeling.

⁴These deaths bring us abruptly face to face with the central problem posed by nationalism: what makes the shrunken imaginings of recent history (scarcely more than two centuries) generate such colossal sacrifices? I believe that the beginnings of an answer lie in the cultural roots of nationalism.

É nesse ambiente nacionalista que se passa *The Plough and the Stars*. A partir dessa obra dramática é possível entrar em contato com a representação da vida cotidiana dos irlandeses que vivenciaram os eventos na sociedade irlandesa descritos anteriormente. Há uma grande quantidade de registros que se referem ao período, contudo sob uma perspectiva dos acontecimentos oficiais e reais, geralmente envolvendo pessoas de destaque e políticos do cenário irlandês diretamente vinculados aos eventos. Nesse sentido, a obra de Sean O'Casey é fundamental por nos proporciona um olhar sobre a provável situação de um simples indivíduo diante de tantas transformações.

3. Identidade Nacional em *The Plough and The Stars*

Em 1916, o intenso movimento nacionalista, valendo-se de várias manifestações culturais, criou um estereótipo para o indivíduo irlandês. Esse sujeito, por amor à mãe-pátria, estava disposto a se sacrificar de várias maneiras, inclusive oferecendo sua própria vida. Os homens tinham como destino se comprometer fielmente com o livramento da *Mother Ireland* das mãos inglesas e assumiam papel de verdadeiros heróis nacionais quando davam sua vida pela nação. Por sua vez, para as mulheres, o nacionalismo construiu uma figura assexuada e desumanizada. Se viam obrigadas a assumir tal papel, passando por cima de seus próprios sentimentos em relação aos seus filhos e maridos. A morte do marido ou mesmo de um filho nessas batalhas pela mãe-pátria era entendida como honra para família, principalmente para a mulher que, nesse momento, fazia exatamente seu papel de mãe sacrificial. À vista disso, consideraremos se, assim como houve no contexto histórico abordado, há na peça, representações femininas que exibem, ou não, o estereótipo nacionalista e como isso transparece na atuação dessas personagens.

The Plough and the Stars foi a terceira e última peça de Sean O'Casey aceita pelo *Abbey Theatre* em Dublin. A peça, apresentada pela primeira vez em 1926, tem como pano de fundo os eventos ocorridos em 1916 na capital irlandesa. O'Casey estava dez anos à frente dos eventos reais, mas havia vivenciado diretamente a Irlanda propagadora de um discurso nacionalista e com interesses políticos, principalmente por meio do seu primeiro presidente, Éamon de Valera. O'Casey teve contato direto com questões políticas e militares alguns anos antes da insurreição. No início dos anos 1900, O'Casey foi membro da *Irish Republican Brotherhood* [Irmandade Republicana Irlandesa], um dos grupos responsáveis pelo planejamento e organização da *Easter Rising*. Em 1911, tornou-se secretário do *Irish Citizen Army* [Exército do Cidadão Irlandês], grupo militar que mais

tarde envolveu-se diretamente com a revolta. É difícil entender ou explicar os sentimentos de O'Casey para com o nacionalismo irlandês, e é particularmente esse seu envolvimento com o período que o habilitou a escrever uma peça que abordasse tão criticamente os eventos.

The Plough and the Stars nos conta a história do casal Clitheroe, Jack e Nora. Casados recentemente, o jovem casal vive em uma típica moradia em Dublin. O casal divide o lar com Peter Flynn, tio de Nora e o jovem Covey, primo de Jack. Outros que vivem aos arredores são Fluther Good, um carpinteiro alcólatra; a curiosa senhora Gogan, governanta na casa dos Clitheroes e a vizinha Bessie Burguess. O casal vive uma vida feliz até Jack começar a se envolver com o movimento nacionalista. Nora faz de tudo para atrapalhar o engajamento do marido em participar dos planos políticos da época, um dos quais seria exatamente a Easter Rising. Entretanto, os esforços de Nora são em vão, Jack a deixa e se junta na luta pela libertação da Irlanda. Por fim, o que Nora mais temia acontece, Jack morre durante os ataques da insurreição. Sem a menor esperança de continuar ou recomeçar sua vida, Nora, grávida e sem condições psicológicas, necessita do amparo de sua vizinha, Bessie, que no último ato é atingida por um tiro vindo da rua enquanto tentava proteger a vida de Nora.

As duas personagens que estabelecerão os modelos de identidade para a análise serão o casal Clitheroe, Jack e Norah. Percebemos, já inicialmente, uma diferença no comportamento dos dois para com o nacionalismo. Enquanto Jack simpatiza com o movimento, Nora, inversamente, contesta as proposições nacionalistas. Tendo em vista a representação desse comportamento por meio da personagem feminina, propomos a investigação da desconstrução da identidade imposta pela cultura nacional. As atitudes de Nora revelam uma identidade que não comporta os traços de passividade e desumanização justapostos às identidades femininas nacionalizadas da sociedade irlandesa. A descrição feita por O'Casey, quando ela aparece no primeiro ato, nos anuncia uma caracterização e atuação antagônica à imagem reproduzida nacionalmente.

Nora entra pela porta da direita. É uma mulher jovem, 22 anos, atenta, ágil, cheia de uma energia inquieta e um pouco ansiosa para conseguir se dar bem na vida. Os traços firmes do seu rosto notavelmente se contrapõem a uma boca macia, sensual, e olhos suaves. Quando sua

firmeza falha, ela usa seu charme feminino [...] ⁵(O'CASEY, 2000, p. 164, tradução nossa).

Enquanto a aplicação dos ideais nacionais significava para as mulheres passividade e fraca representatividade, a descrição de Nora é marcada com adjetivos opostos a essas duas características. Os adjetivos usados pelo autor em seu relato constroem a imagem de uma mulher firme e determinada. Outro detalhe que se opõe ao estereótipo feminino moldado pelos padrões nacionalistas é a presença da sexualidade no seu comportamento. Grande parte das representações dramáticas da mulher irlandesa se resumia a mostrá-la essencialmente em sua natureza maternal, confinada aos serviços do lar e cuidar do bem-estar da família.

Em parte, eram mulheres que além de passividade, mostravam submissão aos homens e à disposição dos mesmos de morrer pela pátria. Assumir a identidade de mãe sacrificial era o ato mais nobre e coerente para com a sociedade. Nesse sentido, Nora também não se fixa no estereótipo. Além de manipular os acontecimentos de forma que seu marido não fizesse parte da revolução, ela exprime claramente seu descontentamento com as circunstâncias e questiona a concepção de glorificação das causas nacionalistas. Quando Jack, furioso, descobre que ela queimou as cartas que o nominavam comandante, Nora responde

Queimei, queimei. Foi o que fiz! O General Connolly e o Citizen Army vão ser suas únicas preocupações agora? Sua casa vai ser apenas um lugar para dormir? Eu vou ser somente uma qualquer com quem você se diverte à noite? Sua presunção vai nos arruinar... Está confiante porque eles o promoveram a oficial, vai tornar essa missão um ato glorioso, enquanto sua Nora 'dos pequenos lábios vermelhos' fica aqui sentada, tendo como companhia a solidão da noite ⁶ (O'CASEY, 2000, p. 178, tradução nossa).

Mesmo após muito empenho de Nora, Jack não dá ouvidos aos pedidos de sua esposa e deixa a casa para se tornar comandante do *Irish Citizen Army*. Diante da partida certa de seu amado, Nora clama "... Ah, Jack, eu dei a você tudo o que pediu de mim...

⁵ Nora enters by door, right. She is a young woman of twenty-two, alert, swift, full of nervous energy, and a little anxious to get on in the world. The firm lines of her face are considerably opposed by a soft, amorous mouth and gentle eyes. When her firmness fails her, she persuades with her feminine charm [...]

⁶ I burned it, I burned it! That's what I did with it! Is General Connolly an' th' Citizen Army goin' to be your only care? Is your home goin' to be only a place to rest in? Am I goin' to be only somethin' to provide merry-makin' at night for you? Your vanity'll be th' ruin of you an' me yet... That's what's movin' you: because they've made an officer of you, you'll make a glorious cause of what you're doin', while your little red-lipp' d Nora can go on sittin' here, makin a companion of th' loneliness of th' night.

Não me afaste de você, agora! ”⁷ (O’CASEY, 2000, p. 223; tradução nossa). Mesmo diante das súplicas fervorosas de sua esposa ele não desiste de sua motivação, o espírito nacionalista fala mais alto e o faz atuar de acordo com estereótipo. Seu sonho, bem como o da maioria dos homens irlandeses desse período, é servir em prol do país e tornar-se um dos heróis nacionais.

A descrição que o próprio O’Casey faz de Jack Clitheroe “[...] Alto, boa aparência, 25 anos. Seu rosto não tem nada da força do rosto de sua mulher. É um rosto que expressa um desejo por autoridade, sem o poder para conquistá-la”⁸ (2000, p. 167, tradução nossa), nos permite observar no personagem, diferentemente de Nora, a construção e fixação de uma identidade nacionalista.

É interessante observar como o autor inverte a questão de força/fraqueza, desconstruindo totalmente o arquétipo nacional que conferia aos homens uma imagem de poder e às mulheres uma imagem com a falta desse. Embora Jack seja um dos personagens que emblematiza a construção de identidade nacional, visto identificarmos em sua representação a formação de uma identidade comprometida pela cultura nacional, Sean O’Casey subverte essa construção quando atribui ao personagem exatamente as características opostas ao padrão nacionalista.

Em vários diálogos nos dois primeiros atos da peça, Jack demonstra ser um marido atencioso e disposto aos caprichos da mulher. No entanto, ao ser convocado oficialmente para integrar um dos grupos envolvidos na Easter Rising, seu desejo por autoridade o faz passar por cima de outros desejos e sentimentos. Sua lealdade e sensação de pertencimento ao país o levam ao ponto, até mesmo, de tratar Nora rispidamente

Clitheroe (*agressivamente*) Você queimou a carta, foi? (*Prende o braço dela com força.*) Bem, querida senhorita –

Nora Me solte – está me machucando!

Clitheroe Você está merecendo... Qualquer carta que chegar para mim a partir de hoje, garanta que eu a receba... Está ouvindo - garanta que eu a receba!⁹ (O’CASEY, 2000, p. 178; tradução nossa).

⁷ [...] Oh, Jack, I gave you everything you asked me... Don’t fling me from you, now!

⁸ [...] He is a tall, well- made fellow of twenty-five. His face has none of the strength of Nora’s. It is a face in which is the desire for authority, without the power to attain it.

⁹ **Clitheroe** (fiercely) You burned it, did you? (He grips her arm.) Well, me good lady –

Nora Let go – you’re hurtin’ me!

Clitheroe You deserve to be hurt... Any letter that comes to me for th’ future, take care that I get it... D’ye hear... take care that I get it!

Diante dessas duas atuações distintas observou-se a existência de dois processos com respeito à identidade nacional, a possibilidade de uma fixação dessa identidade, bem como a alternativa de desconstrução da mesma, a partir do momento em que o indivíduo, por meio de seu descontentamento e atuação, representa instabilidade. A existência de um comportamento alternativo ao determinado pela cultura nacional sugere uma incerteza mediante a afirmação de que as identidades nacionais sejam unificadas. Sean O'Casey, que vivenciou os acontecimentos revolucionários irlandeses no âmbito real, possivelmente tentou reproduzir, por meio de sua releitura dramática, experiências autênticas. Pois, embora silenciados e, em grande parte, não registrados historicamente, esses indivíduos não inseridos nos moldes do comportamento nacionalista existiram e contribuem para o debate acerca da essência imutável das identidades culturais.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, B. *Imagined Communities: Reflections on the Origin and Spread of Nationalism*. London: Verso, 1983.
- CASANOVA, P. *A república mundial das letras*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.
- COOGAN, T.P. *1916: The Easter Rising*. London: Phoenix, 2005.
- DOYLE, R. *A Star Called Henry*. Dublin: Penguin Books; reissue edition, 2004.
- EGLINTON, J. *Irish Literary Portraits*. New York: Macmillan & Co., 1935.
- FERRITER, D. *The Transformation of Ireland 1900-2000*. London: Profile Books, 2005.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- KEE, R. *Ireland: A History*. London: Abacus, 2003.
- MORAN, J. *Staging the Easter Rising: 1916 as theatre*. Cork: Cork University Press, 2005.
- O'CASEY, S. *Three Dublin Plays*. Lexington: Faber & Faber, 2000.
- POWELL, E. *Freedom and Reality*. Farnham: Elliot Right Way Books, 1969.
- WELCH, R. *Concise Companion to Irish Literature*. Oxford: Oxford UP, 1996.